



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

1592 - Pôster - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 17 - Filosofia da Educação

Filosofia e Educação em Michel de Montaigne: Contribuições à Pedagogia Contemporânea  
Flávia Rocha Carniel - FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - USP  
Marcus Vinicius Cunha - FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO - USP

## Resumo

A pesquisa tem por objetivo investigar as concepções educacionais de Michel de Montaigne, as situando no quadro mais amplo de sua filosofia e no cenário cultural do século XVI europeu, com o propósito de discutir as possíveis contribuições desse autor à pedagogia contemporânea. Com base em referenciais bibliográficos especializados, são desenvolvidos estudos sobre os temas: o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo, correntes filosóficas da antiguidade que serviram de inspiração a Montaigne; o contexto cultural do século XVI europeu, destacando os eventos mais diretamente relacionados à vida do filósofo; as concepções filosóficas e educacionais montaigneanas, com especial atenção à obra *Ensaio*, na qual se encontram dois capítulos sobre educação, “Pedantismo” e “Sobre a educação das crianças”. Os resultados dos estudos sobre Montaigne, envolvendo sua filosofia e o contexto de sua época, são confrontados com os resultados do estudo sobre a pedagogia contemporânea, de modo a investigar se as ideias educacionais montaigneanas podem contribuir para uma crítica da visão pedagógica hegemônica na atualidade e, conseqüentemente, para a proposição de concepções e práticas humanizadoras.

**Palavras chaves:** Filosofia da Educação; Montaigne; Pedagogia Contemporânea.

## Filosofia e Educação em Michel de Montaigne: Contribuições à Pedagogia Contemporânea

## Resumo

A pesquisa tem por objetivo investigar as concepções educacionais de Michel de Montaigne, as situando no quadro mais amplo de sua filosofia e no cenário cultural do século XVI europeu, com o propósito de discutir as possíveis contribuições desse autor à pedagogia contemporânea. Com base em referenciais bibliográficos especializados, são desenvolvidos estudos sobre os temas: o epicurismo, o estoicismo e o ceticismo, correntes filosóficas da antiguidade que serviram de inspiração a Montaigne; o contexto cultural do século XVI europeu, destacando os eventos mais diretamente relacionados à vida do filósofo; as concepções filosóficas e educacionais montaigneanas, com especial atenção à obra *Ensaio*, na qual se encontram dois capítulos sobre educação, “Pedantismo” e “Sobre a educação das crianças”. Os resultados dos estudos sobre Montaigne, envolvendo sua filosofia e o contexto de sua época, são confrontados com os resultados do estudo sobre a pedagogia contemporânea, de modo a investigar se as ideias educacionais montaigneanas podem contribuir para uma crítica da visão pedagógica hegemônica na atualidade e, conseqüentemente, para a proposição de concepções e práticas humanizadoras.

**Palavras chaves:** Filosofia da Educação; Montaigne; Pedagogia Contemporânea.

## Introdução e Objetivos

Em pesquisa desenvolvida recentemente, analisamos a frequência de menções a Michel de Montaigne (1533-1592) em periódicos educacionais brasileiros, no intuito de compreender o contexto argumentativo em que são discutidas as ideias desse pensador renascentista. Foram examinados os títulos, resumos, palavras-chave e referências bibliográficas de todos os artigos publicados entre 2009 e 2013 nos seguintes veículos impressos: *Revista Brasileira de Educação*

(ANPEd), *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (INEP), *Educação e Filosofia* (UFU), *Cadernos de Pesquisa* (FCC), *Educação em Revista* (UFMG), *Educação e Pesquisa* (USP), *Pró-Posições* (UNICAMP), *Cadernos de História da Educação* (UFU), *Revista Brasileira de História da Educação* (SBHE) e *Cadernos de Educação* (UFPel).

A escolha desses periódicos deveu-se à sua reconhecida relevância no cenário da pesquisa educacional brasileira na atualidade, segundo os critérios adotados pela CAPES em consonância com a comunidade acadêmica da área. Consideramos que os artigos veiculados por tais publicações constituem amostra bastante representativa do que há de mais importante na produção científica, no que tange a estudos sobre educação com base em concepções filosóficas.

Constatamos que, no período analisado, as revistas publicaram 1714 artigos, sendo Montaigne citado em apenas três deles, o que corresponde a 0,17% do total. São eles: “Amizades: o doce sabor dos outros na docência”, de Luciana G. Loponto, publicado em *Cadernos de Pesquisa* (v. 39, n. 138, set./dez. 2009); “Quando o imaginário se diz educacional”, de Alberto F. R. de Abreu Araújo, veiculado pela *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* (v. 91, n. 229, set./dez. 2010); e “O imaginário trágico de Ricardo Reis: uma educação para a indiferença”, de Rogério Almeida, editado por *Educação e Filosofia* (v. 25, n. 50, jul./dez. 2011).

Esse resultado evidencia que Montaigne tem pouca repercussão entre os pesquisadores da área de educação, o que é reforçado pelo fato de os três artigos que mencionam seu nome não apresentarem nem discutirem em profundidade as suas ideias, uma vez que elas não ocupam posição central no desenvolvimento dos temas abordados. Em todos os casos, a referência a concepções montaigneanas serve somente como ilustração, recurso discursivo que consiste em recorrer a casos particulares para esclarecer alguma tese, seja ela essencial ou marginal em determinado raciocínio (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2002, p. 407). Nos três artigos, os autores se servem de Montaigne para ilustrar ideias opostas às que defendem.

Diante disso, levantamos as seguintes hipóteses: ou Montaigne não traz, de fato, contribuições significativas para a educação; ou as suas ideias são desconhecidas pelos pesquisadores que ora examinam temáticas educacionais; ou, ainda, tais ideias, sendo conhecidas, são sumariamente rejeitadas. A primeira hipótese pode ser questionada pela observação de que as concepções do filósofo estão presentes em muitos dos livros nacionais e estrangeiros comumente indicados em nossos cursos de História da Educação. Lemgruber (2015, p. 154) constatou que esses livros “conferem certa importância ao pensamento montaigneano, enfatizando principalmente sua contribuição em termos de crítica à memorização e defesa de uma educação voltada para a vida”.

A segunda hipótese – de que os pesquisadores brasileiros não conhecem Montaigne – pode ser igualmente contraditada pelo trabalho de Lemgruber, pois é plausível supor que tais pesquisadores tiveram algum contato com o pensamento montaigneano em cursos de História da Educação ou mesmo por meio de leituras avulsas. Acreditamos que o fenômeno em exame não seja derivado de verdadeiro desconhecimento, mas, como sugere a terceira hipótese, que haja algo em Montaigne capaz de despertar rejeição, ou, pelo menos, certa dificuldade de compreensão, quando se trata de trazer as suas ideias para os dias de hoje.

Essa última hipótese ganha força diante do fato, também discutido por Lemgruber (2015), de que, ao se referirem a Montaigne, os livros de História da Educação privilegiam os dois textos do filósofo que discorrem sobre temáticas educacionais, “Pedantismo” e “Sobre a educação das crianças”, ambos capítulos de *Ensaaios*, a única obra filosófica de sua autoria (MONTAIGNE, 1987). Ao se aterem a esses textos, os referidos livros não ultrapassam o campo estritamente pedagógico, dando como certo que a mais relevante contribuição educacional de Montaigne reside na crítica à memorização como estratégia de ensino e ao uso de coerção física nas escolas, bem como na proposta de uma educação voltada para a vida – formulações de caráter bastante genérico, diga-se de passagem.

É possível que o desinteresse dos pesquisadores por Montaigne e o costume de abordar as suas ideias educacionais fora do contexto mais amplo de sua filosofia sejam tributários da dificuldade em compreender e aceitar o modo como o filósofo desenvolve seu pensamento, apropriando-se de maneira muito peculiar de escolas filosóficas da Antiguidade – o estoicismo, o epicurismo e, principalmente, o ceticismo (EVA, 2007). Desde a sua publicação, no final do século XVI, *Ensaaios* tem sido interpretado por diversos filósofos, recebendo não apenas elogios, como também as mais variadas críticas (BAKEWELL, 2012, p. 234).

A pesquisa que nos dispusemos a realizar no mestrado associa-se aos autores que enfatizam a importância de retomar as concepções educacionais do filósofo. Nosso propósito é investigar em que medida as suas ideias podem ser transpostas para a atualidade e apresentadas como contribuições à pedagogia contemporânea. Para isso, entendemos ser necessário examinar os textos em que Montaigne discorre sobre educação, os situando em dois cenários: de um lado, o quadro mais amplo da filosofia montaigneana, o que implica compreender as escolas de pensamento da antiguidade que serviram de fonte para o desenvolvimento de suas teses; de outro lado, o contexto cultural europeu do século em que Montaigne viveu e extraiu a matéria-prima de suas reflexões.

## Metodologia

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste projeto é a pesquisa bibliográfica, o que implica a utilização dos recursos tradicionalmente indicados para esse tipo de investigação, a saber: análise e síntese da literatura pertinente aos temas focalizados.

A fonte primária da pesquisa será a obra *Ensaaios*, cuja redação foi elaborada por Montaigne entre 1580 e 1588; em 1595 foi publicada a edição póstuma que se considera, até hoje, a versão definitiva. A obra contém três volumes com

107 capítulos, ou “ensaios”, cada qual versando sobre um tema singular. O filósofo discorre sobre assuntos como a tristeza, a ociosidade, o medo, o sono e a morte – sempre tomando por base a sua experiência pessoal e lançando mão de seu vasto conhecimento de história e filosofia.

Para pesquisa, interessam particularmente os ensaios “Pedantismo” e “Da educação das crianças”, ambos componentes do primeiro volume da obra. O primeiro deles tece considerações sobre os critérios que devem guiar a escolha do mestre a quem se vai confiar a educação das crianças. O segundo foi escrito com a intenção de oferecer à Condessa de Gurson algumas sugestões sobre como educar o filho que ela em breve daria à luz. Trata-se, portanto, de dois textos que se complementam mutuamente, formando um conjunto de princípios educacionais associado a uma vigorosa reflexão sobre as qualidades morais e intelectuais necessárias ao educador.

No rol de fontes secundárias, o material da pesquisa consiste em produções da área de história da filosofia, história da educação e história geral, com especial atenção para o período renascentista; e também produções que abordam a vida e a obra de Michel de Montaigne.

## Resultados Parciais

Estudos sobre Michel de Montaigne revelam que o filósofo foi influenciado especialmente pelas filosofias denominadas *ceticismo*, *epicurismo* e *estoicismo*, correntes de pensamento descendentes da era helenística, período demarcado pela morte de Alexandre Magno, em 323 a.C., e a anexação da península grega por Roma, em 146 a.C. A época é caracterizada pela ruína da *polis* grega, fenômeno que alterou antigas convicções e afetou profundamente as concepções até então vigentes. Os antigos valores extraídos da vida e da religião dos cidadãos pareciam estar subvertidos, o que levou certos filósofos a desenvolverem ideias centradas na vida espiritual e na iluminação da consciência, no intuito de auxiliar o homem na busca por sua plena felicidade (REALE, 1994, p. 11). A permanência dessas filosofias por mais de um milênio se explica pelo fato de buscarem resolver o problema nuclear da existência humana – o que é a vida? – por meio não só dos conhecimentos livrescos, mas também por meio da criação de um sistema de vida (idem, p. 13).

A literatura especializada sugere que a influência mais marcante sobre Montaigne foi o ceticismo pirrônico, corrente filosófica que assume aspecto singular em seu pensamento: em vez de se limitar à suspensão do juízo, como é próprio dos céticos, Montaigne assume atitudes práticas diante do mundo, o que revela o aspecto ético de sua filosofia. A etapa atual de nossa pesquisa consiste em analisar os ensaios “Pedantismo” e “Sobre a educação das crianças”, nos quais o autor apresenta diretrizes para nortear a prática educativa. Nosso intuito é examinar a presença do referido ceticismo montaigneano nessas diretrizes, de modo a discutir a possível contribuição do filósofo para enfrentar os desafios da pedagogia em nossa época.

A questão norteadora da investigação pode ser assim formulada: se o ceticismo de Montaigne o retira da posição de passividade derivada do pirronismo e o situa como um proponente de ações educativas concretas, quais seriam as contribuições de seu ceticismo pedagógico ao desenvolvimento de uma pedagogia norteadora por concepções e práticas humanizadoras, em confronto com as tendências mecanicistas da atualidade?

## Referências

EVA, Luiz. *A figura do filósofo: ceticismo e subjetividade em Montaigne*. São Paulo: Loyola, 2007.

LEMGRUBER, Márcio Silveira. Montaigne: filosofia e educação para a vida. *Educação em Foco*, Juiz de Fora, v. 20, n. 2, p. 147-168, jul./out. 2015.

MONTAIGNE, Michel. *Ensaaios*. v. 1 e 2. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.